

Falta muito até a conclusão da Rodada Doha

O carioca Luiz Felipe de Seixas Corrêa iniciou sua carreira diplomática na Embaixada de Bonn. Foi embaixador em vários países, atuou junto a organismos internacionais e integrou a delegação do Brasil nas Conferências Ministeriais da Organização Mundial do Comércio (OMC) de Doha (2001) e de Cancún (2003). Em outubro de 2005, assumiu a Embaixada brasileira em Berlim. Em entrevista à *Tópicos*, ele avalia os resultados das negociações de Hong Kong, que ajudou a preparar, e prevê que o acordo UE-Mercosul pode ser fechado ainda em 2006.

ENTREVISTA: DR. UWE KAESTNER / GERALDO HOFFMANN

Tópicos: O Senhor assumiu o cargo de Embaixador do Brasil na Alemanha em meados de outubro de 2005. O que o impressionou especialmente em seus primeiros 100 dias em Berlim?

Embaixador: Tive a honra e o prazer de entregar minhas credenciais ao presidente Horst Köhler no dia 31 de outubro passado. Grande conhecedor do Brasil e da temática do desenvolvimento, o presidente Köhler, em uma conversa muito simpática e franca, seguindo a melhor tradição germânica, me deu as boas-vindas a Berlim e à Alemanha.

Estou muito bem impressionado com Berlim, uma cidade de características únicas no mundo. Uma metrópole vibrante, cosmopolita, que congrega no mesmo espaço diferentes matizes culturais. Berlim impressiona por seus múltiplos contrastes, a co-existência entre a arquitetura pós-moderna, neoclássica, barroca e medieval, o horror da guerra e a sublime beleza da música e da arte. Tudo se encontra nesta capital cercada pela história. Descobrir Berlim e a Alemanha tem sido para mim uma missão instigante e gratificante. Em todos os interlocutores alemães com quem tenho me avisado, tanto no Governo quanto na iniciativa privada e nos meios culturais, encontrei visão muito positiva quanto à importância de fortalecer os numerosos pontos de

convergência no relacionamento entre nossos dois países.

Em meados de dezembro, aconteceu o encontro de ministros da Rodada Doha da OMC em Hong Kong, que o senhor preparou em seu cargo anterior em Genebra. Como o senhor avalia o resultado (considerado magro por muitos observadores)? Haverá progressos em 2006?

O resultado de Hong Kong está longe de ser insignificante. De certa forma, é até melhor do que previsto. Como disse o ministro Celso Amorim, havia espaço para negociações e este também foi aproveitado. É certo que falta muito para chegarmos à conclusão da Rodada Doha, mas nos encontramos no caminho certo.

Um dos principais resultados de Hong Kong foi a eliminação completa dos subsídios às exportações agrícolas até 2013. Isso possibilitará a grande número de países em desenvolvimento lançar seus produtos competitivos no mercado mundial em condições bem mais justas. Portanto, haverá mais justiça e menos distorção no comércio agrário. Infelizmente, alguns parceiros – por exemplo, a União Européia – bloquearam avanços ainda maiores nas negociações agrícolas. Pelo menos foi estabelecido que os países industrializados terão de eliminar os subsídios internos existentes na



prática e não aqueles oficialmente registrados.

Na questão do Acesso a Mercados para Produtos Não-agrícolas (NAMA), de grande relevo para a economia alemã, foram criadas as condições para cortes tarifários em produtos agrícolas e industriais. Isso é indispensável para negociações equilibradas e uma conclusão bem-sucedida da Rodada Doha.

Para todos os produtos dos países em desenvolvimento mais pobres foi garantido um acesso ao mercado livre de tarifas e cotas e, já para 2006, foi acertada a eliminação completa dos subsídios à exportação de algodão. Esses resultados só foram possíveis graças à estreita cooperação e coordenação do G-20, liderado pelo Brasil.

Diante das dificuldades constatadas na Rodada Doha para reduzir mundialmente taxas alfandegárias, muitos vêem novas perspectivas para acordos comerciais entre regiões. Como o senhor

avalia sob esta perspectiva as negociações Mercosul-UE? Vê chances para uma conclusão do acordo em breve?

Tanto para a União Européia quanto para o Mercosul, as negociações comerciais multilaterais constituem prioridade absoluta. Sem o arcabouço propiciado pelo sistema da OMC, os acordos bilaterais terão sua eficácia seriamente comprometida. É natural, portanto, que se verifique nos primeiros meses de 2006 uma concentração de esforços na Rodada Doha, cujo horizonte deverá estar definido no segundo semestre deste ano. As negociações entre o Mercosul e a UE prosseguirão o calendário estabelecido em Bruxelas em setembro de 2005, mas dificilmente serão concluídas antes de conhecermos o resultado dos esforços no plano multilateral. Uma vez estabelecido o desfecho de Doha, acredito que o acordo birregional poderá ser concluído em pouco tempo, provavelmente ainda em 2006.

É importante recordar que o processo negociador entre o Mercosul e a UE possui verdadeiro sentido estratégico. Muito além de considerações meramente mercantis, o acordo birregional servirá como fator de fortalecimento e aprofundamento da integração regional sul-americana – que tem no exemplo europeu uma evidente força de inspiração. Será ademais a primeira associação de duas uniões aduaneiras em toda a história. Como maiores países de suas respectivas regiões, Brasil e Alemanha devem desempenhar papel fundamental na valorização dessa dimensão estratégica das negociações Mercosul-UE.

O Governo Merkel começa muito concentrado em problemas alemães e europeus. Isso fará

com que relações bilaterais, como as que a Alemanha mantém com o Brasil, sejam relegadas a segundo plano?

Não creio que se deva falar de segundo plano. É natural que um novo governo dê prioridade, nos primeiros meses de exercício, à definição de uma agenda doméstica e ao estabelecimento de relações com os seus vizinhos mais próximos. Isto acontece em todos os países. Entretanto, no caso da União Européia – o mais avançado mecanismo de integração existente – e, em particular da Alemanha, maior economia européia, é fácil imaginar que a necessidade de coordenação regional logo nos primeiros tempos se faça ainda mais premente.

O Brasil é um dos países com quem a Alemanha mantém relações estratégicas. Isto ficou claramente demonstrado no recente discurso do Ministro do Exterior Frank-Walter Steinmeier, ao Corpo Diplomático em Berlim ao se referir à cooperação econômica teuto-brasileira como exemplo para a América Latina. No campo político, para ficar somente no exemplo mais notório, Alemanha e Brasil prosseguem, no âmbito do G4, os entendimentos com outros países interessados em uma reforma do CSNU que o torne mais democrático, mais eficiente e representativo da atual ordem internacional.

É oportuno registrar, ademais, que, além do largo inventário de parcerias em diversas áreas, as relações Brasil-Alemanha se beneficiam do papel crescente que cada um dos países desempenha em seus respectivos entornos regionais e nos principais foros multilaterais.

2006 é o ano da Copa. Que atividades e eventos o Brasil planeja – além das sensações esportivas no gramado – para definir e melhor apresentar seu perfil cultural e econômico na Alemanha e conquistar novos amigos?

Nosso Ministro da Cultura, Gilberto Gil, inaugurou no último dia 8 de dezembro, aqui em Berlim, a Copa da Cultura, uma extensa e representativa programação cultural dedicada ao Brasil na Alemanha. A idéia central do projeto será aproveitar a oportunidade que se abre com o Mundial de Futebol, para mostrar ao público alemão e ao mundo um

Brasil que vai além do futebol e dos tradicionais clichês ligados à sua imagem.

A Casa das Culturas do Mundo (Haus der Kulturen der Welt – HKW), uma instituição que há muitos anos vem mantendo uma frutífera cooperação com o Brasil, tornou-se desde o início um dos parceiros mais entusiasmados do projeto e sediará, durante um mês e meio, uma série de atividades dedicadas exclusivamente ao Brasil.

Por sua natureza abrangente e multidisciplinar, contudo, a programação prevista na Copa da Cultura não se limitará apenas à HKW: instituições de grande prestígio como o Instituto Goethe, a Neuer Berliner Kunstverein, a feira Popkomm e a Berliner Festspiele também tomam parte da programação. A Embaixada será, também, contemplada com uma série de iniciativas ao longo de todo o ano de 2006. E outras cidades, como Munique e Hamburgo, deverão sediar atividades ligadas à Copa da Cultura. ■

*Alemanha e Brasil
prosseguem esforços
pela reforma do
Conselho de
Segurança da ONU.*